

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Jornal da TardeClass.: 32Data: 20 de julho de 1979

Pg.: _____

**A matilha pavloviana
e o projeto Jari** *20.7.79*

Na semana passada, o ministro do Interior, Mário Andreazza, acompanhado de jornalistas e de uma equipe técnica, foi visitar o projeto Jari, na Amazônia. Saiu de lá impressionado com o que viu e, segundo suas próprias palavras, "francamente, procurei e não encontrei situações ou fatos que impliquem ameaça à segurança nacional, pois a meu ver trata-se de um empreendimento puramente econômico e bem-sucedido".

Apesar disso, o Ministério do Interior, juntamente com o governo do Pará, de acordo com o ministro, tomará medidas para assegurar, acima de qualquer dúvida, a soberania do Brasil na região, e garantir que as leis nacionais sejam ali cumpridas, principalmente a legislação trabalhista.

Há muito tempo o governo brasileiro vem sendo acusado de omissão na fiscalização daquele projeto, o que, obviamente, não é culpa do dono do projeto, Daniel Ludwig, embora certa parcela militante da opinião pública nacional trate esse último como criminoso. As conclusões a que o ministro Andreazza chegou foram as mesmas, praticamente, de três excelentes repórteres que já enviamos à região: um deles com formação técnica de engenheiro; outro com formação de economista; e o terceiro diplomado em ciências sociais. Três profissionais respeitáveis e responsáveis, cada um com visão própria e diferente dos problemas econômicos e sociais, cada um tendo visitado o projeto individualmente e em épocas diferentes, andando por todos os cantos e se imiscuindo em tudo.

Apesar disso, continua-se afirmando que ninguém tem acesso ao projeto, que tudo lá é secreto, e que ocorrem ali fatos atentatórios à soberania nacional e aos interesses do País. Não foi o que os nossos repórteres viram; não foi o que relataram; e não foi, agora, o que o próprio ministro, os jornalistas que o acompanharam e os técnicos descobriram.

Todos os que visitam o projeto Jari voltam de lá bem impressionados, e com dúvidas — não a respeito dos malefícios que ele possa trazer ao País, mas sim à fortuna do próprio dono do empreendimento que já aplicou na região 750 milhões de dólares de recursos próprios, sem a menor possibilidade, por enquanto, de retorno; e sem perspectiva de obter retorno ainda no tempo provável que lhe resta de vida (Ludwig tem 82 anos).

É evidente que naquela região se desenvolve a mais ampla, apaixonante e profunda experiência mundial de aproveitamento econômico de riquezas equatoriais. E, a despeito das proporções da área (1,3 milhão de hectares demarcados, cerca de 3 milhões no total), ela não é senão uma gota d'água no oceano amazônico, podendo perfeitamente servir como insignificante amostra do potencial econômico da imensa floresta. Quem se assusta com a extensão do "latifúndio" nas mãos de um americano esquece-se que ele foi comprado de brasileiros que nunca investiram nada ali.

É com espírito de expectativa e de avaliação, por parte de todos os brasileiros, que deveria ser acompanhada a excêntrica experiência de um multibilionário que decidiu, no apagar das luzes da sua existência, agir como o último dos capitalistas schumpeterianos, arriscando centenas de milhões de dólares do seu próprio bolso em uma empresa de cujo sucesso final (ou fracasso) ele próprio jamais tomará conhecimento.

Mais do que todos os demais brasileiros, nossos cientistas tinham obrigação de encarar com objetividade científica a iniciativa. Tinham de ouvir com atenção, anotar e avaliar o relatório de observações empíricas feito pelo homem que dirige o "laboratório", quando este tentou apresentá-lo no recente congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Pois é assim que agem verdadeiros cientistas: primeiro tomando conhecimento dos dados empíricos da experiência, e só depois formulam teorias sobre ela.

Mas nada disso aconteceu. Mediante vaias, assovios e tumulto, os "cientistas" militantes presentes à reunião da SBPC preferiram não ouvir coisa alguma e impedir que alguém ouvisse um relato importantíssimo, que poderia servir de base, de ponto de partida, para inúmeros estudos serenos e sérios a respeito do desenvolvimento econômico da Amazônia. Agindo qual a chusma de inquisidores que cercava Galileu, optaram por ignorar antecipadamente aquilo que o telescópio lhes poderia revelar, e ficar com suas teorias pré-formuladas de que a Terra é chata e constitui o centro do Universo, ou seja, de que todo o projeto Jari não passa de uma ardilosa manobra do imperialismo ianque contra os interesses nacionais.

Continuam, pois, inúmeros representantes até da nossa comunidade científica com a mesma mentalidade que já nos causou imensos prejuízos. Ontem mesmo divulgávamos informações de que no ano passado, em todo o mundo não-comunista, foram perfurados 60 mil novos poços de petróleo, dos quais 48 mil somente nos EUA, onde existem 10 mil empresas (sic!) procurando petróleo. Enquanto isso, a nossa inefável Petrobrás, criada graças àquela mesma mentalidade de "proteção" às nossas riquezas, informava que, de 1958 a 1972 (num período de 14 anos), perfurou no Estado de São Paulo dez poços. E qualifica essa área de "exaustivamente estudada"!!!

Nós não estamos defendendo o sr. Ludwig e o seu projeto Jari. O dinheiro é dele e o problema é dele. Nós desejamos defender a inteligência brasileira contra a burrice exaltada da matilha pavloviana que saliva estridentemente ao som da campanha nacionalista, não chegando sequer a perceber o contra-senso de se instaurar CPI contra um homem que trouxe 750 milhões de dólares para o País e "ameaça" trazer mais 750 milhões —